

renunciar a tudo, se fosse com o amor de Alberto, daquele belo jovem que ela queria amar, desesperadamente, a quem ela pedia, ainda com uma assustadora apreensão, uma sentença quanto à sua felicidade.

Muda ao lado da cama, ela fantasiava, imaginando arrebatamentos desconhecidos, êxtases distantes, indefinidas, temendo de acordar Alberto, mas observando-o furtivamente. Ele tinha feições harmônicas, o perfil nobre e puro, uma covinha no queixo, a barba macia e espessa, à nazarena. Os cabelos vaporosos, com a pressão do travesseiro, adquiriam centenas de formas, desenhando cachos de criança, circundando caprichosamente a orelha que tinha uma delicadeza feminina.

Mas e ele, em que estaria pensando? Quais visões lhe atravessavam o sono? Dormira sempre assim, de lado, com um braço sob a cabeça e o outro estendido? Tão rosado, tão calmo? O que encerrava a esfinge daquele belo rosto e quando ela poderia, penetrando-lhe na alma, chamá-lo verdadeiramente seu?

Como ela gostaria de esquarterar a sua mente e o seu coração diante dele, para mostrar que ele estava dentro dela, por uma irresistível necessidade de fusão, que a aproximação material tinha instigado sem satisfazê-la. Não, não poderia ser sempre assim, somente assim! Marta sentia como se ela tivesse ainda os olhos vendados, as mãos atadas; continuava andando às cegas, ainda não possuía o amor, não tinha ainda alcançado a verdade.

Um movimento de Alberto a sacudiu, e, com um senso natural de pudor, ela não quis que ele a visse observando-o. Andou em direção à janela pela qual penetrava o alegre sol de março, ergueu as cortinas que cobriam as vidraças e deu uma olhada para a rua, a desconhecida rua daquela cidade. Era uma viela que desembocava diretamente no porto, àquela hora, cheio de carretas, carregadores, vendedores de peixe, todos vociferando em um dialeto que Marta não entendia. Deu uma olhada para as janelas defronte, baixas, desprovidas de venezianas, todas munidas de varais, sobre os quais as roupas esvoaçavam, secando.

Esse aspecto da cidade, tão diferente da sua cidade de origem, despertou seu interesse sem lhe agradar. Ela levantou os olhos e, por meio de uma sucessão, cinza e melancólica, de telhados de ardósia, ao longe, no esplendor da manhã, vislumbrou a linha azul do mar, grandioso e fantástico na sua calma, com algo de sonhado, de imaterial, de eterno.

Números e sonhos¹

Bruno Sperani

Tradução: Ânia Dóris Reis Bourscheid Del Pino²

(...) A modelo, doente, desejava vê-lo.

Por um momento ele vacilou, mas a imagem da bela jovem, que o estava esperando, brilhou de repente como uma nova luz na fantasia do pintor e venceu toda hesitação.

Marietta morava numa casa pobre na rua Porta Garibaldi, com a mãe e um irmão, o rapaz que tinha levado o recado para Superti.

A mãe era uma daquelas mulheres envelhecidas antes da hora, tão frequentes nas classes pobres. Podia ter qualquer idade entre quarenta e sessenta anos.

Viúva há muito tempo — talvez nunca tivesse sido casada — ela ganhava a vida trabalhando como *lavandaia di colore*³, como as chamam em Milão. Deixava Marietta completamente livre, feliz por ela trazer um pouco de dinheiro para casa, mas não a explorava.

Os dois pequenos cômodos que compunham a habitação pareciam relativamente decorosos. O primeiro era uma grande cozinha, ao fundo da qual, atrás de um biombo, se avistavam duas camas: a da mãe e a da criança. O quarto era todo de Marietta.

Adriano foi levado até lá e deixado a sós com ela, que estava na cama. Ela recebeu o jovem com um daqueles seus sorrisos alegres, estendendo-lhe a mão

1 SPERANI, Bruno. *Numeri e Sogni*, Milano: Galli, 1887. O trecho foi extraído de MORANDINI, Giuliana. Op.cit. p. 147-155.

2 Graduanda em Letras – Licenciatura Português-Italiano, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

3 N.d.T: *Lavandaia di colore* – Lavadeira de cor: num regionalismo milanês, seria uma lavadeira pouco hábil, a quem não se confiava os tecidos brancos para lavar, com medo de que ela os estragasse.

magra. Suas bochechas vermelhas acusavam febre, os grandes olhos, bem abertos pareciam ainda maiores e radiantes que o normal.

Adriano não pôde conter-se de dar um beijo na sua testa. Ela se rendeu afetuosamente aos seus lábios, depois, com um gesto, convidou-o a se sentar ali, ao lado da cama.

— Tenho estado muito doente — disse — tão doente que achei que fosse morrer. Decerto, vou morrer logo!

Adriano protestou vivamente:

— Tens os olhos demasiadamente vivos! Não é possível!

E procurava fazê-la rir.

Mas ela sacudia a cabeça. Sempre tinha pensado em morrer jovem e agora, depois dessa última doença, tinha certeza de que seria assim. Por isso, quis revê-lo, tanto que se sentia melhor. Ela tinha a impressão de que devia desculpar-se com ele por algum motivo: talvez o tivesse ofendido sem perceber; também naquele baile de sexta-feira, depois daquele jantar, tinha-o deixado mal...

Ele a interrompeu: não podia escutá-la dizer esse tipo de coisas. Não teria vindo se tivesse imaginado que era aquilo que ela queria lhe dizer. Achava que ela precisava de algo e teria ficado feliz em ajudá-la. Por isso, pedia-lhe fervorosamente que fosse sincera: a doença devia ter custado muito para ela... Ele tinha mesmo a intenção de fazer um grande quadro com ela, poderia então lhe adiantar um pouco de dinheiro. Era bom para ele: assim ficaria mais tempo com ela.

No entanto, a pobre modelo recusava teimosamente. Não precisava de nada.

Ela mostrava seu quarto, que era bastante arrumadinho. Naquele ano tinha trabalhado muito: tinha-se cansado um pouco, mas tinha economizado dinheiro. Os pintores eram generosos com ela, era muito requisitada e alguns davam-lhe até mesmo duas libras por hora. Se chegasse a se recuperar, iria querer, absolutamente, posar para Adriano... mas não queria dinheiro adiantado.

Era muito graciosa na sua eloquência. Adriano entendia bem que era uma pessoa sem maldade, de alma instintivamente nobre. O seu coração enchia-se de amargura, pensando no destino de uma criatura tão gentil.

Pouco a pouco a conversa tomou um caráter mais confidencial. Ele havia aproximado sua cadeira e olhava a enferma no rosto, muito perto, apertando-lhe uma das mãos. E, de tanto em tanto, os dois belos rostos jovens tocavam-se, quase involuntariamente, os cachos negros desordenados e as mechas macias, onduladas, confundiam-se; as duas bocas ardentes beijavam-se. Mas não era a paixão que incendiava os lábios de Marietta, mas sim a febre. Adriano entendia que ela entregava-se às suas carícias como uma menina, não como uma mulher.

Movido por um interesse natural, ele a interrogava sobre seu passado, sobre as primeiras impressões da juventude, como começara a trabalhar como modelo, como amara pela primeira vez.

E ela confessava-se candidamente.

Do seu pai, ela não se lembrava. Tinha visto sua mãe quase sempre do mesmo jeito. Lembrava-se do seu irmão bem pequenino.

Sorrindo, ela dizia que tinha passado muito frio na sua infância e um pouco de fome também.

Aos dez anos, sua mãe a havia mandado trabalhar numa grande confecção de roupas teatrais. Ali conheceu muitas garotas, entre elas, certa Rosina, três anos mais velha que ela, uma moça bela e astuta, que se ausentava frequentemente do serviço para ir posar nos estúdios.

Rosina falava muito dos artistas que ela frequentava, dos quadros que ela fazia e, sobretudo, do dinheiro que ganhava, quase sem esforço. Um dia ela convidou a menina para acompanhá-la, e esta, já morta de curiosidade, ficou eufórica.

Agora ela não se recordava mais do nome do primeiro pintor para o qual havia posado; mas lembrava bem que, logo, muitos a haviam procurado, e não lhe tinha sobrado mais tempo para ir trabalhar na confecção.

— E tua mãe? Não fez nenhuma oposição?

— A mãe reclamava, mas depois ficou contente: não se passava mais fome e, no inverno, tinha-se um pouco de lenha para se aquecer. Eu era feliz naqueles anos — suspirou a enferma, após uma breve pausa — todos os artistas gostavam de mim, e eu gostava deles. Não sabia nada de nada; não tinha malícia. Ouvia falar de amantes e de esposas, e imaginava que ter um amante fosse um jogo, uma diversão para as garotas mais velhas.

Ela ainda suspirou, e o perene sorriso de seus lábios desapareceu durante alguns instantes:

— Um dia, minha mãe me falou de um benfeitor e de uma dama caridosa, que queriam me proteger dos perigos do mundo e me fazer feliz. — Que perigos? — perguntei.

— Minha mãe não me disse nada, e, alguns dias depois, fui apresentada àquelas duas pessoas. Ela parecia mais velha, mas dele, me lembro muito bem, ele ainda tinha todos os cabelos pretos, um quê de grande senhor, uma imponência que me intimidava. Ele percebeu isso e procurou me tranquilizar. Ele falava com bondade, dizendo muitas coisas que eu não entendia, mas ele as dizia com uma voz tão harmoniosa e doce, que era um prazer escutá-lo.

— Pouco a pouco, o benfeitor — sempre o chamávamos assim — passou a ser de casa. Demonstrava um grande interesse por mim. Mandou-me fazer a comunhão na casa de um velho padre que me ensinou mal-e-mal a escrever. Eu tinha abandonado os estúdios dos jovens pintores: posava apenas, às vezes, para alguns velhos, quase sempre como anjo ou virgem mártir. O resto do tempo, ficava em casa trabalhando. A velha caridosa não voltou mais. Ao contrário, uma vez, eu fui à casa do benfeitor para apanhar trabalhos para fazer e lá vi sua mulher: uma bela senhora. Além do mais, para nossas maiores necessidades, eles haviam nos dado um subsídio, que minha mãe ia receber todos os meses na Congregação. Essa vida me entediava.

Adriano escutava esses fatos com uma surda inquietação e com um mau sentimento. Quando Marietta parou de falar, ele pediu-lhe que continuasse. Mas ela tinha de tomar um pó a cada duas horas e acabava de escutar soar nove horas.

Com as mãos inquietas, Adriano colocou o pó sobre a óstia.⁴

A enferma agradeceu com um beijo.

— Estes pós me fazem bem — disse ela — talvez ainda fique boa.

— Certamente! — exclamou Adriano, assustado com essa dúvida.

Ela ficou pensativa por um momento, depois retomou a história.

Já morávamos nesta casa. Eu já tinha feito quatorze anos, mas ainda era uma menina... Era comprida, esguia... Mas menos magra que hoje! Agora estou mesmo destruída. — E olhava seus braços magros e suas mãos afinadas.

— Um dia, eu estava sozinha, aqui neste quarto; era doze de novembro, nunca me esqueci da data! A porta de casa estava fechada com a tranca. De repente, foi aberta e uma pessoa entrou. Corri até a cozinha, pensando que fosse a mãe. Mas não... era ele... o benfeitor!... o recebi com o respeito de sempre. Disse-lhe que estava sozinha, e o fiz entrar aqui. No início, falamos de coisas banais. Ele quis saber se eu estava bem de saúde e o que havia feito nos últimos quinze dias; se eu tinha ido tomar a comunhão para a festa de Todos os Santos. Depois começou a me observar mais atentamente: disse que eu estava crescendo, que estava ficando bonita... que logo teria um namorado... eu ria como sempre fazia. Ele estava inquieto. A um certo ponto, pegou o chapéu como se fosse embora, deu duas ou três voltas pelo quarto, enxugou a sua testa. Eu ficava andando ao redor dele, quase pulando, sem entender nada. De repente, ele me olhou de um modo estranho. Me agarrou pela cintura, me levantou, me cobriu de beijos, me jogou nesta cama...

— Ah!... — gritou Adriano, fazendo um gesto violento.

— E tu não fizeste nada, maldita estúpida!... — acrescentou ele depois de alguns instantes, olhando-a duramente.

Marietta encolheu os ombros.

— Sim, procurei me desvincular, gritei. Mas estava me sufocando. Fui pega por um enorme cansaço, perdi minhas forças. Lembro que tremia como uma folha e quase desmaiei.

— Velhaco! — murmurou Adriano, trincando os dentes.

Nenhum dos dois falou mais.

O jovem voltou a falar com voz imperiosa:

— O nome dele! Quero saber o nome dele!

Estava em pé e se preparava para sair, como se quisesse se vingar.

Marietta o impediu, rindo.

E agora, onde é que ele queria ir? Seis anos haviam-se passado! Ela tinha feito sua

4 N.d.T.: Prática antiga de colocar certos remédios em pó sobre um pequeno disco feito com farinha (parecido com uma óstia), para a deglutição pelo doente.

vida como as outras. Essas coisas estavam tão distantes, não importavam mais...

Entretanto, Adriano insistia em saber o nome daquele homem.

Ela não quis dizer. Não valia a pena. Era um homem estimado por todos; os jornais falavam nele frequentemente como um ótimo cidadão. Ele, realmente, fazia o bem. Protegia muitos artistas, comprava quadros e estátuas e conseguia encomendas para os jovens talentos sem recursos. E, além do mais, era casado!

Ela já não tinha dito?... Mulher e filhos. E aquela senhora parecia ser boa, inocente. Por nada neste mundo gostaria de lhe dar um desprazer tão grande! Agora então, depois de seis anos, seria uma estupidez...

— De resto — acrescentou, depois de uma breve pausa — o que contei aconteceu em novembro e, em fevereiro, conheci o pintor Benelli, que foi meu primeiro e único amor.

Adriano ficou abalado por aquelas palavras, experimentou uma sensação de gelo por todo o corpo, e procurou pensar em outra coisa.

O ciúme o consumia. Quis saber como tinha nascido aquele amor e quanto tempo tinha durado.

— Durou pouco! — disse a modelo com um suspiro.

— Isso que, no início, o achava antipático... — murmurou abaixando a voz. Mas por tanto vê-lo, comecei a gostar dele, depois, não sei como, me apaixonei como uma louca. Quando o encontrava, tremia, ficava vermelha, não conseguia falar. Quando percebi que ele me queria, achei que morreria de vergonha... Fiquei meses e meses sem querer ir ao estúdio dele... Eu tinha uma amiga, Rosina, que morava no bairro dele. Eu ia até a casa dela, e ficava na janela, escondida atrás da persiana, para vê-lo passar!... Parecia que eu poderia sacrificar minha vida para dar um beijo nele; e ao mesmo tempo, que preferia morrer a me entregar a ele, pensando naquilo que tinha acontecido!... Finalmente, um dia ele me viu e me mandou ir ao seu estúdio. Disse que gostava de mim. Eu não conseguia falar. Chorava. Estava feliz.

— Ainda o amas? — perguntou Adriano lívido.

— Não — respondeu simplesmente Marietta — não o amo mais. Tive uma última prova disso no carnaval, quando nos encontramos num jantar, na casa dos Vivarini. Ficamos a sós por um momento e ele me disse para ir procurá-lo. Mas eu não fui. Senti que não o amava mais.

— Então, não me diz que foi amor: foi capricho!

Ela baixou a cabeça.

— Não foi capricho. Em seis anos, vivendo no meio de tantos jovens, não amei ninguém, só ele.

— Por que parou de amá-lo, então?

Ela não respondeu.

— É um segredo que não me pertence — murmurou finalmente.

Adriano encolheu os ombros com desprezo. Quase lhe disse um desaforo. Estava muito agitado. Levantou-se para ir embora. Faltou-lhe coragem. Voltou para perto dela e sussurrou:

— Diz a verdade: ainda o amas.

— Não — respondeu a enferma pela segunda vez, e com um visível esforço acrescentou — depois de alguns anos percebi que ele tinha uma relação, anterior, e que não podia deixá-la. Sofri muito. Depois, não sofri nem amei mais.

— Me ama, então, ama a mim! — exclamou Adriano com paixão.

Ela não respondeu logo.

— Não posso mais amar. Não sinto nenhum desejo de amor. Só sinto simpatias, assim como irmãos e irmãs.

Disse que, se ela pudesse amar outro homem, seria ele, mas não podia. Às vezes ela ria, pensando que, vendo-a assim, sempre em meio aos artistas, sempre na gandaia, fazendo confusão, as pessoas deviam achar que ela tivesse muitos amantes. Quem sabe o que ele, Adriano, devia ter pensado!... Mas nada disso era verdade! Ela podia jurar que só tivera aquele único amante. E agora, mesmo amando, ela não ficaria com mais ninguém, até porque, iria morrer logo: não valia a pena começar e ser obrigada a parar um pouco depois.

E riu como ela costumava fazer, olhando Adriano com os grandes olhos abertos: foi uma risada infantil e ferina, que o jovem sentiu no fundo do coração como um doloroso pranto.

Ele sentia muita pena de Marietta, mas esse sentimento falava baixinho dentro dele, enquanto a paixão o atormentava.

Agora percebia que sempre a tinha desejado e talvez amado também.

O ciúme que sentia naquele momento, pensando no homem que tinha tido o amor dela, o mesmo amor que ele não havia conseguido merecer, inflamava o antigo desejo e o exaltava até o delírio.

— Me ama, Marietta querida, me ama! — dizia ofegante. — Seja minha! Eu te amo, sou todo teu! Quero o teu amor, quero os teus beijos!...

E a apertava furiosamente.

Ela esquivava-se com doçura, sempre sorrindo: parecia-lhe impossível que lhe fizesse realmente mal, ele que fora sempre tão bom! E, justo agora, que ela estava doente. E rindo, mostrava a ele os seus braços consumidos.

O jovem não lhe dava atenção. Uma onda perversa o arrastava. Tinha medo que ela quisesse permanecer fiel ao outro, que o antigo amor a impedisse de aceitar o novo.

E a fatuidade masculina e o amor-próprio, que deterioram tudo, pervertiam o seu carinho.

Até porque, Marietta, porquanto consumida pela doença, continuava espalhando um fascínio irresistível, e na sua face, naquele momento, havia uma beleza quase sobrenatural.

E esse fascínio subjugou tão fortemente Adriano que, por um instante, quase perdeu a razão. Esqueceu tudo.

— Vou ser sempre teu — dizia, abraçando-a — me ligo a ti por toda a vida. Não me importa mais nada, contanto que sejas minha!

As frágeis forças da enferma haviam se esgotado. Ela parou de se defender.

O seu corpo se enrijeceu: seus grandes olhos abertos, imóveis, fixaram-se nos olhos dele, com uma expressão de aflita reprovação.

Sob aquele olhar, a exaltação de Adriano dissipou-se.

Ficou perplexo, seus braços amoleceram; depois se afastou um pouco.

Tinha nos olhos a visão da cena acontecida naquele mesmo quarto, seis anos antes.

Provavelmente tinha sido assim, com aquela rigidez mortal, com aquela expressão angustiada de vítima, que ela devia ter cedido à violência daquele bruto.

Só que agora, *aquele bruto*, era ele, Adriano Superti.

Quão baixo havia caído!

Ficava pensativo, cabisbaixo, como um réu confesso.

— Adeus, Marietta, — disse finalmente reagindo — Perdoe-me!

Era a primeira vez que ele não a tratava por tu.

Ela teve uma inspiração afável.

Pegou na mão dele, puxou-o para perto dela, e pousou os lábios sobre sua mão, que apertando-a.

Ele recebeu aquele beijo como se fosse um sonho e, no mesmo instante, sentiu duas lágrimas quentes escorrerem no seu pulso.

Então, seu coração transbordou. As lágrimas que ele estava reprimindo, brotaram.

Choravam juntos, como duas crianças infelizes, oprimidas, esmagadas pelo peso da vida, desse mal desconhecido e incurável, que faz penar os mais indolentes e inconscientes, que enfraquece os mais fortes.

Finalmente, separaram-se.

No último adeus, ela disse-lhe:

— Vai!... Te lembra sempre de mim!

E caiu novamente, exausta, sobre os travesseiros.

Adriano saiu daquela casa com o coração apertado, com a mente disposta a pensamentos melancólicos.

Pouco a pouco, percorrendo sem rumo as ruas quase desertas, involuntariamente, foi levado a refletir, sobre o destino daquelas pobres mulheres que brilham por um momento na vida ardente das grandes cidades; depois, de repente, desaparecem, como se o chão as tivesse engolido.

E pela primeira vez na sua vida, o jovem pintor sentiu-se tomado por ímpetos de rebelião, fora do campo artístico, contra alguma coisa de mais feroz, que não fossem as teorias estéticas, inapeláveis, da velha escola acadêmica.